Conhecê-l'O e conhecer-te (8): No tempo oportuno

Deus faz-nos experimentar a nossa oração do modo que mais nos convém em cada momento. Santa Isabel é um testemunho de como a paciência e a constância se transformam em plena alegria.

01/12/2020

Quando a viu entrar em sua casa, Isabel deu-se conta que Maria tinha deixado de ser uma criança. Provavelmente já a teria visto nascer e crescer, tão especial como era, logo desde muito nova. Depois viveram longe uma da outra. Ao reconhecê-la agora à porta de sua casa, encheu-se de alegria. O evangelista diz-nos que a recebeu «em voz alta»: «Quem sou eu para que me visite a mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 43). Tratava-se de uma alegria profunda, que surgia de uma vida repleta de oração. Tanto ela como Zacarias eram considerados santos – justos – segundo a Escritura e o povo observava-os com alguma admiração (cf. Lc 1, 6). No entanto, só os dois sabiam tudo o que estava por trás de tantos anos vividos junto a Deus: eram experiências que tinham muito de incomunicável, como nos acontece a todos. A alegria de Isabel surgia de um passado cheio de dor e esperança, de tristezas e reencontros, em que tudo tornava cada vez mais

profunda a sua relação com Deus. Só ela sabia do desconcerto que lhe causava o facto de não poder ser mãe, quando essa era a bênção mais desejada por uma mulher em Israel. Mas o Senhor quisera fazê-la passar por aquilo para a elevar a uma maior intimidade com Ele.

Uma oração que é ouvida

A nossa relação com Deus, a nossa oração, tem também sempre algo único, incomunicável, como a de Isabel; tem algo de ave solitária (cf. Sl 102, 8) que, como dizia S. Josemaria, Deus pode elevar como as águias, até ver o Solraio a raio. Apenas Ele sabe quais são os tempos e momentos adequados para cada um. Deus deseja essa intimidade divinizadora connosco, muito mais do que podemos imaginar. Mas o facto de que só Ele sabe os tempos - como sabia o momento oportuno para que nascesse João Batista - não impede

que cada um de nós possa desejar, em cada instante, uma maior intimidade com o Senhor, Também não impede que lhe peçamos continuamente, procurando o mais alto, esticando o pescoço entre a multidão para ver Jesus que passa, ou subindo a uma árvore se for preciso, como Zaqueu. Podemos imaginar que Isabel dirigiu muitas vezes o seu coração para Deus e que incentivava o seu marido a fazer o mesmo, até que finalmente ouviu: «O teu pedido foi ouvido: a tua mulher Isabel dar-te-á um filho e pôr-lhe-ás o nome de João» (Lc 1, 14).

Para Isabel, o que acabaria por ser uma oração confiada no Senhor teve que passar pelo forno purificador do tempo e das adversidades. Passava o tempo na sua vida e Deus continuava oculto num aspeto crucial: Porque parecia que Ele não tinha ouvido as suas orações de tantos anos? Porque é que Ele não lhe tinha dado um

filho? Será que nem seguer o sacerdócio do seu marido era suficiente? Naquela necessidade exposta, na debilidade orante ou no aparente silêncio de Deus, a sua fé, a sua esperança e a sua caridade purificaram-se; porque não só perseverou, mas deixou-se transformar cada dia, aceitando, sempre e em tudo, a vontade do Senhor. Talvez precisamente a identificação com a Cruz – à qual Isabel, de algum modo, se antecipava - seja o melhor modo de comprovar a autenticidade da nossa oração: «Não se faça a minha vontade, mas a Tua» (Lc 24, 42). Se os justos da antiga aliança viveram nessa aceitação, e depois Jesus fez dessa atitude em relação ao Pai o motivo da sua vida inteira, também nós cristãos estamos chamados a unirnos a Deus deste modo; é sempre um tempo oportuno para rezar assim: «O meu alimento é fazer a vontade do

que me enviou e levar a cabo a sua obra» (Jo 4, 34).

Momento de recordar

Talvez a própria Isabel tenha mantido a chama da oração do velho Zacarias acesa, até que finalmente lhe apareceu um anjo: a ela, a quem chamavam estéril, o Senhor daria um filho, porque para Deus não há nada impossível (cf. Lc 1, 36). Assim, deixando-se levar per aspera ad astra - através de uma imprescindível tarefa de purificação que Ele realiza em quem permite - Isabel chegou a exclamar em oração aquilo que, passado tantos anos, continuamos também nós a repetir diariamente: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito o fruto do teu ventre!» (Lc 1, 42).

Saber que o nosso caminho para Deus pressupõe uma identificação profunda com a Cruz é essencial para nos darmos conta de que o que às vezes parece uma estagnação na realidade é um avanço. Assim, em vez de vivermos à espera de tempos melhores ou de uma oração mais conforme os nossos gostos, aceitamos com gratidão o alimento que Deus nos quer dar: «Se olharmos em volta, damo-nos conta de que existem muitas ofertas de alimento que não vêm do Senhor e que aparentemente satisfazem mais. Alguns alimentamse do dinheiro, outros do êxito e da vaidade, outros do poder e do orgulho. Mas o alimento que nos nutre verdadeiramente e que nos sacia é apenas o que nos dá o Senhor. O alimento que o Senhor nos oferece é diferente dos outros, talvez não nos pareça tão apetecível como certos alimentos que o mundo nos oferece. Então sonhamos com outros alimentos, como os judeus no deserto, que desejavam a carne e as cebolas que comiam no Egipto, mas esqueciam que era o que comiam na mesa da escravidão. Eles, nesses

momentos de tentação, tinham memória, mas uma memória doente, uma memória seletiva. Uma memória escrava, não livre». Por isso convém que nos perguntemos: De onde quero comer? Qual é a minha memória? A do Senhor que me salva, ou a da carne, dos alhos e das cebolas da escravidão? Com que memória sacio a minha alma? Quero comer alimento sólido ou continuar a alimentar-me de leite? (cf. 1Co 3,2).

Na vida pode surgir a tentação de olhar para trás e desejar, como acontecia aos israelitas, os alhos e as cebolas do Egito. O maná, um alimento que no seu momento perceberam como bênção e sinal de proteção (cf. Nm 21, 5), chegou a cansá-los. Como nos pode acontecer a nós, sobretudo se arrefecemos, à custa de desleixar o abecedário elementar da oração: procurar o recolhimento, cuidar os detalhes de piedade, escolher o melhor

momento, ser carinhosos... É esse, com mais motivo, o momento de relembrar, de fazer memória, de procurar na oração e nas leituras espirituais esse alimento sólido de que fala S. Paulo, um alimento que abre horizontes na vida.

Como atraídos pela força de um íman

Fazer memória na oração é muito mais do que uma simples recordação: tem a ver com o conceito de «memorial» próprio da religião de Israel; ou seja, trata-se de um acontecimento salvífico que traz a obra da redenção até à atualidade. A oração memoriosa é uma nova conversa sobre o que já se conhece, uma recordação do passado que se entende de novo de maneira presente. Vemos e compreendemos os episódios centrais da nossa relação com Deus sempre de modo diferente. Assim aconteceu a Isabel

quando, a partir da sua recente maternidade, compreendeu de um modo novo a que é que Deus a destinava.

Com o passar dos anos, com o compasso da nossa entrega e das nossas resistências, o Senhor vai-nos mostrando as distintas profundidades do seu mistério. Quer levar-nos para muito alto, como numa espiral que vai subindo lentamente, dando voltas e mais voltas. É verdade que podemos não subir e permanecer em círculos na horizontal, ou que podemos até descer bruscamente ou até mesmo sair pela tangente e abandonar a relação com o nosso Criador... Mas Ele não deixa de se empenhar em levá-la para a frente: o seu plano é de eleição e de justificação, de santificação e de glorificação (cf. Rm 8, 28-30).

Como tantos autores, S. Josemaria descreve esse processo com grande realismo e beleza. A alma vai «até Deus, como o ferro atraído pela força de um íman. Começa-se a amar Jesus, de forma mais eficaz, com um doce sobressalto»^[2]. Quando meditamos nos mistérios da filiação divina, a identificação com Cristo, o amor à vontade do Pai, o afã de corredenção... E intuímos que tudo aquilo é um dom do Espírito Santo, calibramos melhor a nossa dívida com Ele. E então, cresce impetuosamente em nós a gratidão. Ficamos atentos às suas propostas, que são muito mais frequentes do que pensamos: «São, podem muito bem ser, fenómenos ordinários da nossa alma: uma loucura de amor que, sem espetáculo, sem extravagâncias, nos ensina a sofrer e a viver»[3].

Assim, com admiração, vai-se-nos revelando a imensidão do amor que

recebemos de Deus durante toda a nossa vida: dia após dia, ano após ano... Desde o seio materno! «É nisto que consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos tenha amado e enviado o seu Filho como vítima propiciatória pelos nossos pecados» (1Jo 4, 10). Inesperadamente, vemo-nos imersos num amor fascinante, cuidadoso, desarmante. Assim acontece a Isabel: «Fixou-se em mim para tirar a vergonha ante o povo» (Lc 1, 25). Depois de anos de escuridão, toma consciência de que amado de maneira infinita por quem é fonte de todo o amor; e isto de uma maneira que nem é merecida, nem é capaz de valorizar o todo, nem consegue corresponder: «Quem sou eu para que me visite a mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 43); como é possível que Deus me ame tanto? E também, com algum desconcerto e dor: Como não me tinha apercebido antes? Em que é que estava a pensar?

Toda a boa oração prepara o coração para saber o que pedir (cf. Rm 8, 26) e para receber o que pedimos. Por um pouco de amor a Deus em cada detalhe de piedade, grande ou pequeno, facilita o caminho. Chamar Jesus pelo nome, carinhosamente, expressando o nosso afeto sem vergonha, aproxima o momento. Devemos insistir e responder com prontidão aos pequenos toques do amor. Fazer «memória das coisas belas, grandes, que o Senhor fez na vida de cada um de nós», pois uma oração memoriosa «faz muito bem ao Josemaria costumava recomendar na sua pregação: «Que cada um de nós medite no que Deus já fez por ele»[5].

Deus é tudo e isso basta

Tantas vezes, Isabel voltava a pensar sobre o que o Senhor tinha feito por ela. Como se transformara a sua vida! E quão audaz teve que ser! Desde então, todos os seus comportamentos adquirem uma riqueza singular. Esconde-se durante meses por pudor, como fizeram os profetas, para dar significado com gestos à ação divina (cf. Lc 1, 24); também adquire uma maior clareza para seguir os seus desígnios: «Não! Chamar-se-á João» (Lc 1, 60). Também consegue ver a obra de Deus na sua prima: «Bemaventurada a que acreditou, porque cumprir-se-á o que lhe disse o Senhor» (Lc 1, 45). Isabel comportase como quem ama a Deus com todo o seu coração.

Do mesmo modo, na nossa oração deve haver amor e luta, louvor e reparação, adoração e petição, afetos e intelecto. É necessário atrever-se com todas as letras do alfabeto, com todas as notas da escala musical, com toda a paleta de cores, porque já se percebeu que não se trata de cumprir, mas de amar com todo o

coração. Os exercícios de piedade, as pessoas, os afazeres de cada dia... são os mesmos que antes, mas não se vivem da mesma forma. Aumenta assim a liberdade de espírito, a «capacidade e atitude habitual de trabalhar por amor, especialmente no empenho de seguir aquilo que, em cada circunstância, Deus pede a cada um»^[6]. O que antes se apresentava como uma obrigação pesada, converte-se numa ocasião de encontro com o Amor. As vitórias continuam a ser difíceis, mas agora os esforços encaram-se com alegria.

Perante a infinidade do amor descoberto e da pobre correspondência humana, o coração desfaz-se numa profunda oração de desagravo e de reparação; surge uma dor que sai dos próprios pecados e que leva a uma contrição pessoal. Cresce o entendimento de que «Deus é tudo, eu não sou nada. E por hoje basta»^[7]. Assim podemos arrancar de

nós tantas barreiras que nos dificultam o contacto com Ele. Surge também o agradecimento sincero, profundo e explícito ao Senhor, que se transforma em adoração, ao «reconhecê-lo como Deus, como Criador e Salvador, Senhor e Dono de tudo o que existe, como Amor infinito e misericordioso»[8]. Por isso convém usar todas as teclas do coração. Para que a oração seja variada, enriquecedora, para que não caia por canais usados; quando o sentimento acompanha e também quando não acompanha, porque do que gostamos em Deus ainda não é Deus: Ele é infinitamente major.

[1] Francisco, Homilia na solenidade do Corpus Christi, 19/06/2014.

[2] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 296.

- [3] Ibid., n. 307.
- [4] Francisco, Homilia em Santa Marta, 21/04/2016.
- [5] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 312.
- [6] Fernando Ocáriz, Carta, 09/01/2018, n. 5.
- [7] S. João XXIII, *Il giornale* dell'anima, Edizioni di Storia e Letteratura, Roma, 1964, p. 110.
- [8] Catecismo da Igreja Católica, n. 2096.

Rubén Herce (tradução de Maria Inês Moreira)

Fotografia de: Anne Nygard em Unsplash pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <u>https://opusdei.org/pt-pt/article/conhece-lo-e-conhecer-te-8-no-tempo-oportuno/</u> (12/12/2025)